



# O MERCADOR DE VENEZA

## (1597)

### PERSONAGENS

ANTÔNIO, O MERCADOR DE VENEZA

BASSÂNIO, AMIGO DE ANTÔNIO, APAIXONADO POR PÓRCIA

SHYLOCK, A QUEM ANTÔNIO PEDE

DINHEIRO PARA BASSÂNIO

PÓRCIA, RICA HERDEIRA, APAIXONADA POR BASSÂNIO

NERISSA, DAMA DE COMPANHIA DE PÓRCIA

PRÍNCIPE DE ARAGÃO, CANDIDATO À MÃO DE PÓRCIA

PRÍNCIPE DE MARROCOS, TAMBÉM

CANDIDATO À MÃO DE PÓRCIA

GRAZIANO, AMIGO DE BASSÂNIO

JÉSSICA, FILHA DE SHYLOCK, APAIXONADA POR LORENZO

LORENZO, JOVEM VENEZIANO APAIXONADO POR JÉSSICA

BALTAZAR, JOVEM ADVOGADO QUE ATUA

NO JULGAMENTO DE ANTÔNIO

LAUNCELOT, CRIADO DE SHYLOCK E DEPOIS DE BASSÂNIO

CONTINUANDO A ESCREVER sobre as relações interpessoais, neste período Shakespeare já começa a ampliar seu campo de interesse e a situar os protagonistas de suas tramas em ambientes mais complexos e com problemas mais sérios. Para escrever *O mercador de Veneza*, faz uso de duas situações de contos de fadas: a primeira refere-se a uma escolha que deve ser feita entre três opções, como ocorre em *Cinderela*, *O gato de botas* ou em *Rei Lear*; e, a segunda, a um compromisso inadmissível, o qual firma-se confiando em que o momento de cumpri-lo não favorecerá a má consequência, como a promessa de Idomeneo de sacrificar a primeira pessoa que encontrar ao pisar em terra firme, e, ao chegar, deparar-se com seu filho. O tom lírico domina a comédia (sim, porque haverá um final harmônico), mas pela primeira vez Shakespeare irá usar a prosa em tom sério e em momento significativo.

Em Veneza, Antônio, o bem-sucedido mercador, conta a um pequeno grupo de amigos que está triste mas não sabe por quê. Nesse momento, chega Bassânio, seu grande amigo, e lhe conta que está apaixonado mas não tem dinheiro para fazer a corte como deve ser feita, pedindo-lhe dinheiro emprestado com a promessa de pagar após o casamento.

Em Belmonte, requintada área residencial de Veneza, a jovem Pórcia queixa-se à aia e amiga Nerissa de ser muito infeliz porque o pai, ao morrer, deixara determinado que ela só poderia casar-se com aquele que, entre três arcaas, uma de ouro, uma de prata, uma de chumbo, fizesse a escolha correta. Até o momento parecem-lhe horríveis todos

os candidatos que se apresentaram. E ela deve receber em breve o príncipe de Marrocos, que também quer tentar a escolha.

Enquanto isso, Antônio, cujo capital está todo engajado em vários navios a caminho de diferentes pontos de comercialização, para atender o amigo pede 3 mil ducados a Shylock, o judeu de quem várias vezes falara mal e fizera pouco em encontros no Rialto, a área comercial da cidade. Shylock diz que faz questão de não cobrar juros de Antônio, já que este condena essa prática, e que, a título de brincadeira, eles assinarão um contrato segundo o qual, no caso de não pagamento em determinado prazo, Shylock poderá tirar do corpo de Antônio uma libra de carne. Bassânio diz que Antônio não deve assinar, porém este, confiando que suas naveas lhe trarão bem mais que o necessário dentro do tempo estipulado, assina o documento.

Jéssica, filha de Shylock, está apaixonada pelo cristão Lorenzo e os dois pretendem fugir, no que são ajudados por Launcelot, o esperto criado de Shylock que passa para o serviço de Bassânio. E, quando Shylock sai de casa para ir tratar do empréstimo a Antônio, Lorenzo e seus amigos, aproveitando o Carnaval, raptam Jéssica, que leva consigo joias e dinheiro do pai, tendo se disfarçado de pajem para integrar-se no alegre grupo.

Em Belmonte, com grande solenidade, o príncipe de Marrocos vai fazer sua escolha, lendo antes o que está escrito nas arcas:

A primeira é de ouro com a inscrição  
“Eu tenho o que desejam muitos homens”.  
A segunda, de prata, aqui promete:  
“Quem me escolher terá o que merece”.  
A terceira, de chumbo, afirma, rude:  
“Escolhe a mim quem dá e arrisca tudo”.

Informado de que na arca certa será encontrado um retrato de Pórcia, o príncipe de Marrocos tem uma longa e bela fala de reflexão, escolhe a de ouro, que é errada, e foge apavorado pelo que lê na mensagem que há dentro, que começa com “Nem tudo o que luz é ouro/ É verdade repetida;/ Muita gente perde a vida/ Só para olhar um tesouro”. Aliviada, Pórcia prepara-se para o próximo candidato.

O novo candidato à mão de Pórcia é o príncipe de Aragão, que, após refletir e deixar claro que pensa muito bem de si mesmo, escolhe a arca de prata, também errada e acompanhada por outra mensagem assustadora. O príncipe de Aragão mal acaba de fazer sua escolha e é anunciada a chegada de “um jovem veneziano”, que o mensageiro cobre de elogios a ponto de Pórcia mandar que ele pare, pois acredita que esteja anunciando algum parente. A cena acaba com Nerissa exclamando que espera que seja Bassânio, obviamente por saber que Pórcia já andou trocando olhares com ele.

Como sempre, o ato central concentra a essência da ação, e tem três etapas: na primeira, para regozijo de Shylock, correm boatos de desastres com várias naves de Antônio, criando um clima tenso. Shylock, provocado pelos amigos

de Bassânio, hesita entre a alegria pelos azares de Antônio e a dor e a revolta pela fuga de Jéssica, e dá uma amarga explicação para o empréstimo em uma fala que tem muito do ressentimento contra o antissemitismo, que contém a seguinte passagem:

Um judeu não tem olhos? Um judeu não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não é alimentado pela mesma comida, ferido pelas mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, esquentado e regelado pelo mesmo verão e inverno tal como um cristão? Quando vós nos feris, não sangramos nós? Quando nos divertis, não nos rimos nós? Quando nos envenenais, não morremos nós? E, se nos enganais, não haveremos nós de nos vingar? Se somos como vós em todo o resto, niço também seremos semelhantes.

Enquanto isso, em Belmonte, Bassânio e Pórcia, apaixonados, aguardam em grande tensão a escolha da arca. Ela tenta adiar o momento:

Eu lhe peço que aguarde um dia ou dois  
Para arriscar-se, pois se escolhe errado  
Perco sua companhia; aguarde um pouco –  
Algo me diz (mas que não é amor)  
Que eu não quero perdê-lo, e o senhor sabe  
Que não é ódio que aconselha assim.

Bassânio, no entanto, não aguenta a ideia dessa terrível espera e também ele tem sua fala de reflexão antes da escolha, cujo começo e fim são:

O aspecto pode ser contrário à essência –  
O mundo muito engana na aparência –  
Na lei, que causa chega tão corrupta  
Que a palavra sonora e adocicada  
Não lhe atenua o erro?  
(...)  
Mas a ti,  
Ó pobre chumbo, que me falas mais  
De ameaças que promessas, eu darei  
A minha escolha. Que ela seja alegre!

E a reação de Pórcia à escolha certa é de paixão:

Todas as paixões mais se desvanecem:  
O medo, os olhos verdes do ciúme.  
Amor, modera-te, controla o êxtase,  
Faz cair leve a chuva da alegria!

E a prolongada explosão de alegria e felicidade acaba cortada por Salânio e Salério, amigos de Bassânio, que vêm avisar que Antônio perdeu a aposta e Shylock está exigindo o cumprimento do contrato. Pórcia e Bassânio trocam anéis, e ela o autoriza a gastar o quanto for necessário para salvar o amigo, já que Bassânio sente ter sido dele a culpa de Antônio passar esse perigo.

Jéssica e Lorenzo vão para Belmonte, onde pedem abrigo a Pórcia. Ela não apenas os recebe muito bem como, alegando ter de afastar-se por um assunto sério, deixa-os encarregados de dirigir a casa em sua ausência. O motivo da tal ausência é o fato de Pórcia ter resolvido participar do julgamento da cobrança de empréstimo, apresentando-se como Baltazar, advogado de Antônio.

A grande cena do julgamento é em si um notável exemplo da questão da justiça e das leis. Shylock, amargurado com a fuga da filha, tornou-se implacável com Antônio, e enquanto ele insiste na letra da lei, nos termos exatos do contrato, tudo parece ir ao seu favor. Pórcia, como o jovem advogado recomendado por seu tio jurista, apela para a misericórdia, em fala tocante, que começa assim:

A graça do perdão não é forçada;  
Desde os céus como uma chuva fina  
Sobre o solo: abençoada duplamente,  
Abençoa a quem dá e a quem recebe;  
É mais forte que a força: ela garante  
O monarca melhor do que a coroa;  
O cetro mostra a força temporal,  
Atributo de orgulho e majestade,  
Onde assenta o temor devido aos reis;  
Mas o perdão supera essa imponência:  
É um atributo que pertence a Deus,  
E o terreno poder se faz divino  
Quando à piedade curva-se a justiça.

E é com a letra da lei que Shylock é derrotado no tribunal, perdendo sua fortuna em parte para a filha, em parte para Antônio. Bassânio fica mais do que grato ao advogado que livrou o amigo, procura pagá-lo, mas este recusa qualquer coisa, a não ser o anel que ele traz no dedo e que jurara a Pórcia jamais tirar. Bassânio acaba por dar o anel a Baltazar, e depois tem que se explicar à esposa.

Depois da imponente cena do julgamento, o tom lírico da comédia é reposto no início do último ato, com um lindo diálogo entre Jéssica e Lorenzo, que, após lembrar inúmeras das grandes histórias de amor, leva Lorenzo a dizer:

Como é doce o luar sobre esta encosta!  
Aqui fiquemos, pra que os sons da música  
Encham o nosso ouvido: a noite calma  
Combina com os sons desta harmonia.  
Senta, Jéssica, vê o chão do céu  
Patinado de ouro flamejante;  
Não há uma só órbita, no espaço  
Que, ao se mover, não cante como um anjo,  
Pra acalentar os doces querubins.

Jéssica, Bassânio, Graziano e Nerissa, acompanhados por Antônio, chegam a Belmonte, para comemorar, e a comédia termina em tom de celebrada alegria.